

➤ Affonso Celso Pastore, de 82 anos, é guru de Moro. Comandou o BC de 1983 a 1985. Via web, acompanhou um papo do ex-juiz, em São Paulo, com dirigentes da XP, uma dessas firmas do dito “mercado”, em 29 de novembro. No mesmo dia, Moro jantou na casa de Luiz Fernando Figueiredo, sócio da Mauá Capital, com uns graúdos do PIB, como Roberto Setubal (Itaú), Luís Stuhlberger (Verde Asset) e Paulo Galvão (Klabin). É uma turma doida por uma “terceira via”. E Guedes? Em 10 de dezembro, almoçou em São Paulo com uns endinheirados, entre eles Abilio Diniz, André Esteves (BTG) e José Olympio (Credit Suisse). Segundo *CartaCapital* apurou, um dos comensais perguntou ao “Posto Ipiranga” sobre Moro. Guedes teria respondido que acha muito difícil o ex-juiz chegar ao segundo turno, por causa da alta rejeição, e que, se ele for eleito, enfrentaria muitos atritos com o Congresso e o Supremo. E arrematou: Moro é hoje depositário de votos de Bolsonaro, os quais irão para o presidente no duelo final com Lula (se é que haverá um).

Eos votos do ex-capitão, iriam mesmo para Moro? Complicado, a julgar por uma pesquisa Vox Populi de novembro para o PT. Sem Bolsonaro no páreo, Moro teria 8% dos votos, resultado, talvez, das agressões verbais do próprio presidente contra ele. De qualquer forma, o ex-juiz monta um time para tentar entrar no universo bolsonarista. Sua ponte com os evangélicos é Uziel Santana, presidente licenciado da Associação Nacional de Juristas Evangélicos, entidade que fez campanha por André Mendonça, indicado pelo presidente para o Supremo. Para enveredar pelo agronegócio, recrutou o agrônomo Xico Graziano, bolsonarista fervoroso em 2018.

Para atrair militares, Moro conta com o general da reserva Carlos Alberto dos Santos Cruz, ex-ministro de Bolsonaro. Santos Cruz entrou no Podemos, a sigla



Inventor do PowerPoint agora é do Podemos

morista, em 25 de novembro, disposto a impedir que o presidente arraste as Forças Armadas para a política. Como se elas já não estivessem metidas até o pescoço há uns cinco anos. É cotado para ser vice de Moro. Prestes a ser chutado por Bolsonaro da chapa de 2022, o vice de Bolsonaro, Hamilton Mourão, é outro general da reserva com quem o ex-juiz flerta, na busca de apoio nos quartéis. Autor de textos sobre o “Partido Militar” e a politização fardada, o coronel da reserva Marcelo Pimentel de Souza aposta que os milicos

O GENERAL MOURÃO ESTÁ NA IMINÊNCIA DE SER CHUTADO PELO EX-CAPITÃO. COM ELE, OBVIAMENTE, MORO FLERTA AGORA

vão barrar a candidatura de Bolsonaro, para turbinar a de Moro. Será? A propósito, para diretor-geral do Tribunal Superior Eleitoral em 2022 vai outro general da reserva, Fernando Azevedo e Silva, ministro da Defesa até março de 2021.

Desencantado com Bolsonaro em razão de “rachadinhas” e que tais, o lavajatismo embarca na aventura do ex-juiz. Deltan Dallagnol, inventor do PowerPoint, filiou-se ao Podemos em 10 de dezembro, possivelmente para concorrer a deputado federal pelo Paraná. Dois dias depois, apanhava de Bolsonaro nas redes sociais. O presidente contou em um vídeo que Dallagnol quis uma audiência com ele em 2019. Na época, o ex-capitão preparava-se para escolher o procurador-geral da República e Dallagnol queria conversar a respeito. Bolsonaro recusou a reunião. Achava, segundo diz agora, que ele entraria em sua sala com uma história pronta na cabeça, assim como a Lava Jato fazia com investigados: o escolhido para a Procuradoria estaria obrigado a salvar a pele do clã Bolsonaro sempre que preciso.

Autor do livro *O Brasil Dobrou à Direita*, sobre a vitória de Bolsonaro, o cientista político Jairo Nicolau, da FGV, acredita que o lavajatismo teria sido capaz de eleger Moro na campanha passada. “Ele chegou quatro anos depois, seria candidato perfeito para 2018, o outsider anticorrupção. Talvez fosse o verdadeiro Bolsonaro de 2018”, afirma. O ponto de partida do ex-juiz nas pesquisas, em torno de 10%, prossegue o analista, é alto, pois Moro nunca concorreu e passou os últimos anos à margem da elite política. É um patamar igual ao número de pessoas que consideram a corrupção o maior problema brasileiro, na recente pesquisa Genial/Quaest. Mas o maringense conseguirá sair da “jaula” anticorrupção e conquistar corações? “Não vejo muito espaço para ele explodir, e ele precisa explodir, passar dos 15% e se aproximar dos 20%, para aí, sim, ameaçar Bolsonaro e tirá-lo do segundo turno. Essa hipótese acho hoje muito pouco provável.” •

HEULER ANDREY/AFP